

O Mistério do Vale Sasassa

Arthur Conan Doyle

Tradução

Laura Scaramussa Azevedo

Revisão

Lilian Scaramussa Azevedo

O Mistério do Vale Sasassa

The Mystery of Sasassa Valley — Publicado em 1879

Se eu sei o porquê de Tom Donahue ser chamado de "Menino Sortudo"? Sim, eu sei. E é mais do que o que uma a cada dez pessoas que o chamam assim podem falar que sabem. Eu andei muito por aí nos velhos tempos e vi algumas coisas estranhas, mas nada mais estranho que a maneira como Tom ganhou aquele apelido e seu destino também, pois eu estava junto a ele quando aconteceu. Contar o acontecido? Ah, certamente; mas é uma história meio longa e muito estranha. Então encha seu copo e acenda outro charuto enquanto eu tento desenrolar a narrativa. Sim, uma história muito estranha, mais ainda que alguns contos de fadas que já ouvi, mas é verdadeira, senhor, cada palavra. Há muitos homens vivos na Colônia do Cabo que lembrarão dela e confirmarão o que digo. A história foi contada muitas vezes ao redor da fogueira em cabanas dos Bôeres, do estado de Orange até a terra dos Griquas; ah, nas matas e nas minas de diamantes, também.

Eu estou um pouco enferrujado agora, senhor, mas já entrei na Honorável Sociedade de Middle Temple e estudei para ser advogado. Tom, o azarado! — era um de meus colegas de turma; foi um período bárbaro, até que, finalmente, nosso dinheiro acabou e fomos levados a desistir de nossos assim chamados estudos e procurar por alguma parte do mundo onde dois jovens amigos com braços fortes e consciências sãs poderiam deixar sua marca. Naquela época, a onda de emigração mal começara a se encaminhar para a África e, por isso, pensamos que nossa melhor chance seria no sul, na Colônia do Cabo. Bem, para resumir a história, embarcamos e fomos deixados na Cidade do Cabo com menos de cinco libras nos bolsos e lá nos separamos. Cada um trabalhou nas mais diversas áreas e teve seus altos e baixos, mas quando, após três anos, o destino nos levou ao interior do país, fazendo com que nos encontrássemos novamente, lamento dizer que nós estávamos quase tão mal quanto quando começamos.

E bem, isso não foi de muito incentivo e estávamos muito desanimados, tão desanimados que Tom falou em voltar para a Inglaterra e conseguir um estágio. Pois veja bem, nós não sabíamos que tínhamos lançado mão de todas as nossas cartas de menos valor e que a nossa sorte viraria. Não, nós pensávamos que as nossas "mãos" eram de todo ruins. Estávamos em uma parte muito solitária do país, habitada por algumas fazendas isoladas, cujas casas eram cercadas e protegidas para defendê-las dos cafres. Eu e Tom Donahue tínhamos uma pequena cabana no meio do mato, mas sabiam que nós não possuíamos nada e que éramos habilidosos com nossos revólveres, então não tínhamos muito a temer. Lá nós esperamos, fazendo trabalhos incomuns na esperança de que algo aparecesse. Bem, depois de estarmos lá por cerca de um mês, numa certa noite algo de fato apareceu, algo que era de nosso feitio; é sobre aquela noite, senhor, que eu vou lhe falar. Eu me lembro bem dela. O vento uivante passava pela nossa cabana e a chuva ameaçava arrombar nossa janela precária. Nós tínhamos uma fogueira crepitando e cuspidando fogo na lareira e eu estava sentado à frente dela consertando um chicote enquanto Tom estava deitado em sua cama, resmungando desconsolado sobre o destino que o levava a tal lugar.

— Anime-se, Tom, anime-se — eu disse. — Homem algum sabe o que o espera.

— Má sorte, má sorte, Jack — ele respondeu. — Eu sempre fui um azarado. Cá estou, há três anos nesse país abominável, e vejo rapazes recém-chegados da Inglaterra com os bolsos cheios de dinheiro enquanto eu estou tão pobre quanto quando cheguei. Ah, Jack, se você não quiser se afundar, velho amigo, deve tentar a sorte longe de mim.

— Bobagem, Tom. Esta noite você está com sorte. Mas ouça! Tem alguém vindo lá de fora. Deve ser o Dick Wharton, pelos passos, e se tem alguém que pode te animar é ele.

Ainda enquanto eu falava, a porta foi escancarada e o próprio Dick Wharton, com a água da chuva caindo dele, entrou em nossa cabana com seu rosto vermelho em formato de coração surgindo através da névoa como uma lua cheia. Ele se sacudiu, numa tentativa de se secar, e depois de nos cumprimentar sentou-se junto ao fogo para se aquecer.

— Onde você estava numa noite como esta, Dick? — perguntei. — A não ser que você saia em horários mais convencionais, descobrirá que o reumatismo é um obstáculo maior que os cafres.

Dick parecia mais sério que o normal. Alguém que não o conhecesse poderia até dizer que ele estava assustado. — Tive que ir — ele respondeu — tive que ir. Uma das cabeças de gado do Madison foi visto fugindo pelo Vale Sasassa e é claro que nenhum dos negros desceria aquele vale pela noite. Se tivéssemos esperado até a manhã, o animal teria chegado à terra dos cafres.

— E por que eles não queriam descer o Vale Sasassa pela noite? — perguntou Tom.

— Cafres, suponho — respondi.

— Fantasmas — disse Dick.

Nós dois rimos.

— Suponho que eles não deram um vislumbre dos próprios encantos a um sujeito tão pragmático como você — disse Tom, do beliche.

— Sim — disse Dick, sério — sim, eu vi aquilo sobre o que os negros falam, e eu juro para vocês, rapazes, eu não quero vê-lo novamente.

Tom sentou-se na cama.

— Bobagem, Dick, você está brincando, cara! Vamos, conte-nos tudo. Primeiro a lenda, depois sua experiência. Passe a garrafa para ele, Jack.

— Bem, quanto à lenda — começou Dick — me parece que é passada de geração a geração pelos negros. Diz que o Vale Sasassa é assombrado por um terrível demônio. Caçadores e viajantes que passaram pelo desfiladeiro viram seus olhos brilhantes sob as sombras do penhasco, e a história diz que quem teve o destino de encontrar aquele olhar sinistro teve sua vida após a morte arruinada pelos poderes malignos dessa criatura. Se é verdade ou não — continuou Dick, com pesar — pode ser que eu tenha uma oportunidade de julgar por mim mesmo.

— Continue, Dick, continue — gritou Tom — queremos saber o que você viu.

— Bem, eu estava explorando o vale à procura daquela vaca do Madison e acho que já tinha chegado à metade da descida, onde um penhasco negro e áspero se projetava à direita na cova, foi quando eu parei para dar uma golada em meu frasco. Naquele momento, meus olhos estavam fixos no penhasco que mencionei e não notei nada de incomum sobre aquele lugar. Então, guardei meu frasco e dei um ou dois passos à frente quando, em um instante, suponho que da base da rocha, a cerca de dois metros do chão e a cem metros de mim, eclodiu um brilho estranho, sinistro, piscando e oscilando, desaparecendo lentamente e reaparecendo outra vez. Não, não, eu já vi muitos vaga-lumes e não eram exemplares dessa espécie. Ali estava a luz, queimando, e creio que olhei fixamente para ela, enquanto cada parte do meu corpo tremia, por dez minutos completos. Então eu dei um passo à frente e a luz desapareceu de súbito, desapareceu como uma vela que é apagada. Eu voltei ao local onde estava, mas demorou algum tempo até que eu conseguisse encontrar o exato ponto e a exata posição de onde a luz era visível. E, enfim, lá estava a estranha

luz avermelhada, piscando como antes. E então minha coragem se esvaiu e eu retornei para a rocha, mas o terreno era tão irregular que era impossível seguir em frente e, embora eu tenha andado por toda a base do penhasco, não conseguia enxergar nada, por isso eu tomei o caminho de casa. Mas eu digo para vocês garotos que, até o momento em que vocês me alertaram, eu não havia percebido a chuva por todo o caminho. Mas enfim, boa noite! O que houve com o Tom?

De fato, o que aconteceu com Tom? Agora ele estava sentado com as pernas ao lado do beliche e toda a sua expressão revelava um entusiasmo tão intenso que era quase doloroso.

— O demônio deveria ter dois olhos. Quantas luzes você viu, Dick? Fale!

— Só uma.

— Viva! — gritou Tom — assim é mais interessante. — E chutou os cobertores para o meio do quarto, começando a andar de um lado para o outro dando longos e frenéticos passos. De súbito, ele parou encarando Dick e colocou a mão em seu ombro. — Eu lhe pergunto, Dick, é possível que se sairmos agora, chegemos ao Vale Sasassa antes do nascer do sol?

— Por pouco — respondeu Dick.

— Bem, olhe aqui, nós somos velhos amigos, Dick Wharton, você e eu. Então, por favor, não conte o que você nos disse a homem algum, por uma semana. Você pode me prometer isso, não pode?

Eu podia ver nos olhos de Dick o momento no qual ele confirmou sua suposição de que o pobre Tom havia ficado louco e, de fato, até mesmo eu estava completamente perplexo com suas ações. No entanto, eu tinha tantas provas do bom senso e da rapidez de aprendizado de meu amigo que pensei ser bastante possível que a história de Wharton tenha tido um significado em sua percepção, o qual eu era muito ignorante para entender.

Tom Donahue ficou muito empolgado por toda a noite e, quando Wharton partiu, implorou que ele se lembrasse de sua promessa e também extraiu dele uma descrição do lugar exato onde ele havia visto a aparição, bem como a hora na qual ela aparecera. Depois que ele havia partido, que deve ter sido por volta das quatro da manhã, me virei no beliche e observei Tom sentado junto a lareira emendando dois gravetos, até que adormeci. Creio que devo ter dormido por cerca de duas horas, mas quando acordei, Tom ainda estava sentado, trabalhando, quase na mesma posição. Ele prendera um graveto no topo do outro, de modo a formar um T rudimentar, e agora se ocupava encaixando um graveto menor no ângulo entre eles e, ao fazer isso, formou uma cruz que podia ser tanto esquisita quanto deprimente. Também havia entalhado o graveto perpendicular de modo que, com a ajuda do graveto menor, a cruz poderia ser mantida em qualquer posição por tempo indeterminado.

— Olha aqui, Jack! — ele gritou quando viu que eu estava acordado. — Venha aqui e me dê sua opinião. Suponha que eu coloque essa cruz apontando diretamente para o local, e fixe esse pequeno galho para deixá-la assim e ela fique parada, eu poderia achar aquela criatura outra vez, você não acha que eu consigo, Jack, não acha? — continuou ele, nervoso, segurando-me pelo braço.

— Bem — respondi — dependeria de quão longe a coisa estaria e da precisão com a qual a cruz estaria apontada. Se fosse uma grande distância, eu colocaria uma mira em sua cruz e uma corda amarrada no final, de forma a ficar nivelada, o que o deixaria bastante próximo do que deseja. Mas certamente, Tom, você não pretende encontrar o fantasma dessa maneira, pretende?

— Você vai ver esta noite, velho amigo, você vai ver. Vou levar isso para o Vale Sasassa. Pegue o pé de cabra do Madison emprestado e venha comigo, mas lembre-se de não contar a ninguém para onde você está indo ou para que você o quer.

Durante o dia, Tom andava de um lado para o outro no quarto ou se empenhava ao trabalhar no

aparato. Seus olhos brilhavam, suas bochechas tremiam, ele tinha todos os sintomas de uma febre alta. — Deus permita que o relato do Dick não seja real! — eu pensei, enquanto voltava com o pé de cabra e mesmo assim, enquanto a noite se aproximava, percebi que estava, de forma involuntária, compartilhando do mesmo entusiasmo.

Por volta das seis horas, Tom se levantou e pegou os gravetos. — Eu não aguento mais, Jack — ele gritou — pegue seu pé de cabra e avante ao Vale Sasassa! O trabalho desta noite, meu chapa, será nosso sucesso ou nosso fracasso. Pegue sua arma, caso encontremos os cafres. Eu não ousou pegar a minha, Jack — ele continuou, colocando as mãos sobre meus ombros. — Eu não ousou pegar a minha, pois se o meu azar ficar comigo hoje, não sei o que posso deixar de fazer com ela.

Bem, após encher nossos bolsos com provisões, nós partimos e, enquanto andávamos por nosso caminho cansativo pelo Vale Sasassa, tentei extrair, em várias ocasiões, alguma pista sobre as intenções de meu companheiro. Mas sua única resposta era:

— Vamos nos apressar, Jack. Sabe-se lá quantas pessoas já ouviram falar da aventura de Wharton! Vamos logo, ou podemos não ser os primeiros a chegar ao vale.

Bem, senhor, foi um caminho difícil percorrendo quinze quilômetros nas colinas; até que finalmente, depois de descer um rochedo, vimos que se abria à nossa frente uma fenda tão escura e sombria que poderia muito bem ser o portão do próprio Hades. Penhascos de centenas de metros de altura cercavam todos os lados da obscura passagem rochosa que levava, através do desfiladeiro assombrado, à terra dos cafres. A lua, elevando-se acima dos penhascos, lançava sua luz sobre os pináculos rígidos e irregulares das pedras que os cobriam, enquanto tudo que estava abaixo era tão escuro quanto as trevas.

— O Vale Sasassa? — perguntei.

— Sim — disse Tom.

Eu olhei para ele. Agora estava calmo, o rubor e o estado febril haviam passado. Ele estava ciente de suas ações e um pouco lento. Ainda assim, a rigidez em sua expressão e um brilho em seus olhos mostrava que uma crise havia acontecido.

Entramos pela passagem, tropeçando em meio aos pedregulhos gigantes. De repente, ouvi uma exclamação curta e rápida vindo de Tom. — Esse é o penhasco! — ele gritou, apontando para uma grande massa rochosa que estava diante de nós naquela escuridão.

— Agora, Jack, eu lhe imploro, fique bem atento! Estamos a cerca de cem metros daquele penhasco, creio eu, então siga lentamente em direção a um dos lados e eu farei o mesmo em direção ao outro. Quando você vir alguma coisa, pare e me chame. Não dê um passo de mais de trinta centímetros e mantenha seus olhos fixos no penhasco, numa altura de dois metros. Você está pronto?

— Sim. — A essa altura, eu estava mais animado que Tom. Eu não conseguia entender qual era sua intenção ou objetivo, sabendo apenas que ele queria descobrir de onde vinha a luz que descia na parte iluminada do penhasco. No entanto, a paixão envolvida na situação e a animação reprimida de meu companheiro era tão grande que eu podia sentir o sangue correndo em minhas veias e tomar o meu pulso, que latejava em minhas têmporas.

— Vamos! — gritou Tom, e nós nos afastamos. Ele foi para a direita e eu para a esquerda, cada um com os olhos fixos na base do penhasco. Eu tinha andado talvez uns cinco metros, quando em um rompante algo explodiu sobre mim. Através da escuridão crescente, bruxuleava um pequeno ponto avermelhado e brilhante cuja luz oscilava, diminuindo e aumentando, e a cada mudança produzia um efeito mais estranho que o anterior. A velha superstição dos cafres veio em meus pensamentos e senti um arrepio por todo o corpo. Na minha animação, dei um passo para trás, e nesse exato momento a luz se apagou, deixando a escuridão absoluta em seu lugar. Mas, quando

avancei novamente, o brilho avermelhado surgiu na base do penhasco. — Tom, Tom! — gritei.

— Aqui, aqui! — o ouvi dizendo enquanto corria em minha direção.

— Está lá, contra o penhasco!

Tom estava do meu lado. — Não vejo nada — disse ele.

— Impossível. Ali, ali, cara, bem na sua frente! — dei um passo para a direita enquanto falava, e assim, a luz desapareceu da minha visão instantaneamente.

Mas, pela incredulidade de Tom, ficou claro que da minha posição anterior a luz também ficava visível para ele. — Jack — ele gritou, enquanto torcia minha mão — Jack, eu e você nunca mais podemos reclamar de falta de sorte. Junte algumas pedras no local onde estamos. Isso mesmo. Agora nós temos que fixar o meu amuleto no topo. Pronto! Vai precisar de um vento muito forte para derrubar isso. Só precisamos que fique de pé até de manhã. Ah, Jack, meu camarada, e pensar que ontem estávamos falando de virar balconistas, e você dizendo também que nenhum homem sabia o que o esperava! Por Júpiter, Jack, isso daria uma boa história!

A essa altura, já havíamos fixado o bastão vertical firmemente entre as duas grandes rochas e Tom se abaixou para olhar o bastão horizontal. Ele ficou levantando e abaixando o bastão durante quase quinze minutos até que, finalmente, com um suspiro de satisfação, ele colocou o adereço no ângulo desejado. — Olhe aqui, Jack — ele disse. — De todos os homens que eu conheço você é o que tem o olhar mais preciso.

Eu olhei para os bastões. E, além deles, mais distante, estava o pontinho vermelho e cintilante que parecia estar no fim do bastão, ajustado de forma bastante precisa.

— E agora, meu chapa — disse Tom — vamos jantar e dormir. Não há mais nada para ser feito essa noite, mas precisaremos de toda nossa força e sabedoria amanhã. Pegue alguns gravetos e acenda uma fogueira aqui. Assim, podemos ficar de olho em nosso sinal e garantir que nada acontecerá a ele durante a noite.

Bem, senhor, nós acendemos uma fogueira e jantamos com o olhar do demônio de Sasassa brilhando e oscilando em nossa frente durante toda a noite. Mas ele não estava sempre no mesmo lugar, pois, depois do jantar, quando olhei de relance os arredores para observá-lo novamente, não o vi em lugar algum. Essa informação, no entanto, parecia não ter afetado Tom de forma alguma. Ele fez uma mera observação, dizendo que "é a lua, e não a coisa, que mudou de lugar". Depois, se ajeitou para dormir.

Nas primeiras horas da manhã, estávamos os dois de pé e olhando para o precipício através de nosso ponteiro, mas não vimos nada além daquela superfície morta, monótona e áspera, talvez um pouco mais áspera no local que examinamos, mas que não apresentava nada de extraordinário.

— Vamos seguir o seu plano, Jack! — disse Tom Donahue, desenrolando uma corda longa e fina de sua cintura. — Segure-se nela e me guie enquanto eu pego a outra ponta. — Tendo isso dito, ele foi em direção à base do penhasco segurando uma ponta da corda enquanto eu puxava a outra, enrolando-a no meio do bastão horizontal, passando pelo local da visão misteriosa. Assim eu poderia guiar Tom para a direita ou para a esquerda até que nossa corda se estendesse do ponto fixo, passando pela visão e seguindo até a rocha que ela tocava a mais ou menos dois metros de altura. Tom desenhou um círculo de giz com cerca de três metros de diâmetro e depois me chamou para que eu me juntasse a ele. — Nós conseguimos isso juntos, Jack — disse ele — e juntos vamos encontrar o que quer que tenhamos que encontrar. — O círculo que ele havia desenhado abrangia uma parte da rocha mais lisa que o restante, a não ser pelo centro, onde havia algumas protuberâncias e saliências. Tom apontou para uma dessas saliências com um grito de satisfação. Era uma massa marrom e rugosa mais ou menos do tamanho de um punho fechado que parecia um pedaço de vidro sujo que ficou preso na parede do penhasco. — É isso! — ele gritava — é isso!

— É isso o que?

— Você não percebeu, cara? Um diamante! E um que fará todos os monarcas da Europa invejarem Tom Donahue por possuí-lo. Pegue seu pé de cabra, e logo exorcizaremos o demônio do Vale Sasassa!

Fiquei tão perplexo que, por um momento, as palavras fugiram da minha boca enquanto eu olhava surpreso o tesouro inesperado que caíra em nossas mãos.

— Aqui, me dê o pé de cabra — disse Tom — usando uma pedrinha que saía do penhasco de suporte, podemos retirá-la. Assim, lá vem ela. Nunca pensei que poderia ter sido tão fácil. Agora, Jack, quanto mais cedo voltarmos para nossa cabana e depois para a Cidade do Cabo, melhor.

Nós guardamos o nosso tesouro e tomamos o caminho através das colinas, de volta para casa. No trajeto, Tom me contou que uma vez, quando estudava direito em Middle Temple, ele encontrou um folheto empoeirado na biblioteca de um tal de Jans van Hounym, que contava uma história muito parecida com a nossa, que havia acontecido com aquele digno holandês na segunda parte do século XVII e que resultou na descoberta de um belo diamante. Essa foi a história da qual Tom se lembrou enquanto ouvia a história de fantasma contada por Dick Wharton. No entanto, o método que ele adotara para verificar essa suposição foi pura invenção de seu fértil cérebro irlandês.

— Vamos levá-lo para a Cidade do Cabo — Tom continuou — e se não conseguirmos um bom dinheiro nele, valerá a pena levá-lo para Londres. Mas primeiro vamos encontrar o Madison, ele sabe um pouco sobre essas coisas e talvez possa nos dar um conselho sobre o preço justo para nosso tesouro.

Antes de voltarmos à cabana, seguimos pelo caminho estreito que levava à fazenda de Madison. Ele estava almoçando quando chegamos e, em um minuto, estávamos sentados ao lado dele desfrutando da hospitalidade sul-africana.

— Bem — ele disse, após os criados se retirarem — qual é a novidade do momento? Estou vendo que vocês têm algo para me contar. O que é?

Tom pegou seu pacote e soltou os lenços que o envolviam de forma solene. — Aqui! — disse ele, colocando o cristal sobre a mesa. — Qual você acha que seria o preço justo por isso?

Madison pegou o cristal, examinando-o com cuidado. — Bem — ele disse, devolvendo-o para a mesa, — bruto, como está, cerca de doze xelins por tonelada.

— Doze xelins! — gritou Tom, escandalizado. — Você não está vendo o que é?

— Sal gema!

— Sal gema? Que absurdo! É um diamante!

— Experimente! — disse Madison.

Tom levou o cristal aos lábios, o afastou com um grito terrível e saiu da sala correndo.

Eu mesmo me senti triste e decepcionado o suficiente, mas logo lembrei o que Tom havia dito sobre o revólver, também saí da casa de Madison, deixando-o boquiaberto e espantado, e segui para a cabana. Quando entrei, vi Tom deitado em sua cama, o rosto virado para a parede, aparentemente muito desanimado para ouvir meu consolo. Ele estava xingando Dick e Madison, o demônio do Sasassa e tudo mais. Eu saí da cabana para renovar as energias com um cachimbo depois de nossa cansativa aventura. Estava a cerca de cinquenta metros da cabana quando ouvi sair de lá o som que eu menos esperava ouvir. Se fosse um lamento ou uma promessa, eu acharia natural, mas o som que me fez parar e tirar o cachimbo da boca foi um riso tão alto que parecia um rugido! Logo após, Tom surgiu, seu rosto estava radiando animação. — Topa andar mais uns quinze quilômetros, amigo?

— O que?! Por outro pedaço de sal gema, a doze xelins a tonelada?

— Isso não vai acontecer, ou você não é meu amigo — respondeu Tom, sorrindo. — Olhe aqui, Jack.

Que tipo de idiotas nós somos por ficarmos tão abatidos com tão pouca coisa? Sente-se aqui por cinco minutos e farei tudo ficar claro como a luz do dia. Você viu muitos pedaços de sal gema presos no penhasco e eu também, embora já tenhamos refletido sobre isso. Mas Jack, você já viu algum pedaço de sal gema ter um brilho mais luminoso que um vaga-lume na escuridão?

— Bem, não posso dizer que sim.

— Eu me atrevo a profetizar que se esperarmos até a noite, o que não faremos, nós ainda veríamos aquela luz brilhando entre as rochas. Portanto, Jack, quando trouxemos esse sal sem valor, pegamos o cristal errado. Nesse lugar não é estranho um pedaço de sal gema estar a poucos centímetros de distância de um diamante. O sal chamou nossa atenção e ficamos animados, então fomos idiotas e deixamos a verdadeira pedra para trás. Pense nessa possibilidade, Jack, a pedra preciosa de Sasassa está dentro daquele círculo mágico de giz na face do penhasco. Venha, velho amigo, acenda seu cachimbo e pegue seu revólver. Vamos embora, antes que aquele Madison tenha tempo de somar dois mais dois.

Eu não sei se estava muito otimista dessa vez. Na realidade, comecei a ver o diamante como um mito sem sentido. Mas, ao invés de jogar as expectativas de Tom no lixo, eu disse que estava ansioso para partir. Que caminhada! Tom sempre foi um bom alpinista, mas sua animação naquele dia parecia lhe dar asas enquanto eu dava o meu melhor para tentar acompanhá-lo.

Quando andamos pouco mais de um quilômetro, ele ativou o turbo e não parou até alcançar o círculo branco no penhasco. Pobre Tom! Quando o alcancei, seu humor havia mudado, e ele estava de pé com as mãos nos bolsos, observando tudo com um olhar perdido e um semblante pesaroso.

— Veja! — ele dizia — veja! — e apontava para o precipício. Nenhum sinal de algo que no mínimo lembrasse um diamante ali. O círculo não tinha nada além de uma ardósia com um grande buraco, de onde retiramos o sal gema, e um ou dois buracos menores. Nenhum sinal da pedra.

— Já olhei cada centímetro do lugar — disse o pobre Tom. — Não está lá. Alguém veio aqui, viu o giz, e o levou embora. Vamos para casa, Jack. Estou doente e cansado. Ah, homem nenhum teve uma sorte como a minha.

Eu me virei para ir embora, mas antes dei uma última olhada no penhasco. Tom já estava dez passos à frente.

— Alô?! — gritei — você não percebeu nenhuma mudança no círculo?

— O que você quer dizer? — disse Tom.

— Você não está sentindo falta de nada?

— O sal gema? — disse Tom.

— Não, a pedrinha que usamos como suporte. Suponho que tenhamos a arrancado quando alavancamos. Vamos procurá-la.

Em seguida, procuramos a pedrinha na base do penhasco.

— Aqui está, Jack! Finalmente, nós conseguimos! Estamos feitos!

Olhei para trás e lá estava Tom, reluzindo satisfação e com um pedaço de uma pedra negra em sua mão. À primeira vista, parecia ser apenas uma lasca do penhasco, mas próximo da base havia um objeto se projetando dela, para o qual Tom estava apontando exultante. Olhando rápido, parecia algo como um olho de vidro, mas tinha um brilho e uma profundidade que um vidro nunca teve. Dessa vez não tinha erro, com certeza havíamos nos apoderado de uma joia de grande valor. Com os corações tranquilos, deixamos o vale, levando conosco o "demônio", que reinou por tanto tempo naquele lugar.

Pronto, senhor, já desenrolei demais a história e talvez você esteja cansado. Veja, quando eu começo a falar sobre aqueles velhos tempos difíceis, eu quase vejo aquela velha cabana outra vez, e o riacho que passava ao seu lado e a mata ao redor. Parece que ouço a voz de Tom mais uma

vez. Sobrou pouca coisa para contar agora. Nós prosperamos com a pedra. Tom Donahue, como você sabe, se instalou aqui e é conhecido na cidade. Eu fiquei bem, com plantações e criações de avestruz na África. Nós ajudamos o velho Dick Wharton em seus negócios e ele é um de nossos vizinhos mais próximos. Se algum dia você passar por esse caminho, senhor, não se esqueça de perguntar por Jack Turnbull – Jack Turnbull da Fazenda Sasassa.

Sobre o autor

Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu em 22 de maio de 1859 em Edimburgo, Escócia. Ele ficou famoso por ser o autor dos quatro romances e os diversos contos do detetive Sherlock Holmes, que foram pioneiras no campo de ficção policial. Também escreveu diversos contos de fantasia e ficção científica.

Filho de descendentes irlandeses, Conan Doyle foi enviado à Inglaterra em 1868, aos nove anos, para estudar em um colégio jesuíta, onde se aprofundou em assuntos como a retórica e os estudos clássicos, seguindo os princípios medievais da instituição. Em 1875 mudou-se para a Áustria, onde estudou no colégio Stella Matutina, também jesuíta. Nesse período, afastou-se da religião.

Em 1876, o escritor ingressou na Universidade de Edimburgo, onde estudou medicina. Foi nesse período que Doyle começou a escrever contos. Sua primeira publicação foi na revista “Chambers Edinburgh Journal”, com o conto “The Mystery of Sasassa Valley”. Formou-se em 1881, partindo em seguida para uma viagem pela costa do oeste africano.

Após retornar, ele se juntou ao colega de faculdade George Budd para fundar uma clínica médica em Plymouth. No entanto, a sociedade fracassou e o escritor seguiu para Portsmouth na tentativa de abrir uma clínica independente. Sem pacientes para atender, Doyle voltou a escrever ficção. Ele obteve o título de Doutor em Medicina em 1885 e em 1891 iniciou seus estudos em oftalmologia, porém não conseguiu sucesso na carreira médica.

Por muito tempo, o autor teve dificuldades para conseguir uma editora para publicar suas obras, até que em 1886 a editora londrina Ward Lock & Co. comprou os direitos de “Um Estudo em Vermelho”, primeira aparição do famoso detetive Sherlock Holmes. Com uma boa recepção pelo público e pela crítica, uma sequência para o livro foi publicada na Lippincott’s Magazine: “O Signo dos Quatro”. Apesar das várias tentativas de parar de escrever histórias do detetive, a última publicação foi feita em 1927, apenas três anos antes da morte do autor. Além das histórias de detetive, Doyle escreveu romances de ficção histórica, os contos do Professor Challenger e duas coleções de histórias do brigadeiro Gerard.

Ele foi casado com Louisa “Touie” Hawkins de 1885 a 1906, quando ela faleceu por complicações de tuberculose. O casal teve dois filhos, Mary Louise e Arthur. Em 1907 ele se casou com Jean Leckie, por quem era apaixonado desde 1897, enquanto ainda era casado com Louisa. Com a segunda esposa teve mais três filhos: Denis, Adrian e Jean.

Após a Segunda Guerra dos Bôeres, na virada do século XIX para o século XX, Doyle escreveu um pequeno ensaio chamado “The War in South Africa: Its Cause and Conduct” (“A Guerra na África do Sul: Causas e Ações”, em tradução livre), que, em sua concepção, foi motivo para que ele recebesse honrarias do Rei Eduardo VII.

Ele se candidatou para o Parlamento duas vezes como um liberal da união, mas não foi eleito. Além disso, mostrava suas posições políticas a favor de reformas nas colônias e foi um dos líderes do movimento pacifista durante a Primeira Guerra Mundial.

Conan Doyle faleceu em 7 de julho de 1930, aos 71 anos, após sofrer um infarto. Ele foi enterrado no jardim de sua residência. No entanto, com a morte de sua esposa, o corpo foi movido para o cemitério de Minstead.

Conheça outras obras publicadas pelo Literatura Descoberta

- Acampamento dos Mortos, Ambrose Bierce
- Uma Emboscada Surpreendente, Ambrose Bierce
- O Vale das Três Colinas, Nathaniel Hawthorne
- Isso não é uma História, O. Henry
- O Caçador de Detetives, O. Henry
- Cara de Lua, Jack London
- A Fábula do Silêncio, Edgar Allan Poe
- A Ilha da Fada, Edgar Allan Poe
- O Milésimo Segundo Conto de Sherazade, Edgar Allan Poe
- Von Kempelen e sua Descoberta, Edgar Allan Poe
- O Fabricante de Diamantes, H.G. Wells

Copyright © 2019 de Laura Scaramussa Azevedo

Todos os direitos reservados.

Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da tradutora, exceto pelo uso de citações breves devidamente referenciadas em uma resenha do e-book ou em produções acadêmicas.

Primeira edição, 2019.

A versão original do texto, em inglês, está disponível no portal do Domínio Público.

E-mail para contato: literaturadescoberta@gmail.com

Conheça o projeto no Instagram: [@literaturadescoberta](https://www.instagram.com/literaturadescoberta)